

DO FIM DO MESCLA AO COMANDANTE-ALUNO FUZILEIRO: Uma Turma Singular!

GIL CORDEIRO DIAS FERREIRA*
Capitão de Mar e Guerra (Ref^o-FN)

SUMÁRIO

Quarto d'Alva	
Alvorada	
1962 – O Psicotécnico agora reprova!	
	<i>Primeira singularidade</i>
Primeiro Quarto	
1963 – Colégio Naval em dois ou três anos?	
	<i>Segunda e terceira singularidades</i>
12:00 – Sinal do Meio-Dia	
1964 – O “01” se foi...	
	<i>Quarta singularidade</i>
	<i>Quinta singularidade</i>
Segundo tempo	
1965 – Curso Básico de 1 ano	
	<i>Sexta singularidade</i>
16:00 às 20:00	
1966 – Um Fuzileiro Comandante Aluno	
	<i>Sétima singularidade</i>
20:00 às 24:00	
1967 – Da 8ª à 13ª singularidade	
	<i>Angola</i>
	<i>O fim do mescla e seus “irmãos”</i>
	<i>O Patrono – Capitão de Fragata João Batista Didier Barbosa Viana</i>
	<i>A Galera nº 119</i>
	<i>A microturma</i>
	<i>A chuvarada</i>
00:00 às 04:00	
1968 – As duas últimas singularidades	
	<i>A 15ª singularidade</i>
Conclusão – novo Quarto d'Alva	

* Analista de sistemas e administrador de empresas. Tem cerca de 60 trabalhos publicados em revistas especializadas, jornais de diferentes estados e páginas da internet sobre política, história, geografia, geopolítica e assuntos militares e ficção. Tem também cinco livros à venda nos sites associados <http://www.clubedeautores.com.br> e <http://www.agbook.com.br>: duas coletâneas de contos e crônicas, uma de textos políticos publicados em jornais, um romance de ficção política e um manual de administração de escritórios de advocacia. Colaborador assíduo da RMB.

QUARTO D'ALVA

Sim, prezado leitor, trata-se da afamada “Introdução”, mas esse nome é formal demais para um texto leve como o que lhes trago, e está tão batido que julguei melhor começar com um “Quarto d’Alva”, expressão bem mais marinheira – nosso tradicional serviço das 4 às 8 h, que contempla a Alvorada, a qual, de certa forma, é a “Introdução” da rotina nossa de cada dia, a bordo ou em terra, enquanto marujos na ativa...

Sei que a linha de edição da *Revista Marítima Brasileira (RMB)* privilegia assuntos direta ou indiretamente ligados à Marinha, que sejam de interesse geral. Ora, textos sobre turmas específicas da Escola Naval, embora associados ao mar, geralmente são restritos aos integrantes daquelas, pelo que, em princípio, não devem ser trazidos a este espaço. Mas, como o leitor verá, os episódios selecionados para este artigo transcendem as “fronteiras” do grupo a que se referem – a Turma Miguens¹, CN62/EN64/GM67², uma das menores que já passaram pelas Ilhas de Villegagnon ou das Enxadas – e, com a devida vênua do saudoso Capitão de Mar e Guerra Paes Leme (“Chico Marambaia”) e do insigne historiador naval Vice-Almirante Helio Leoncio Martins, poderiam talvez figurar nos livros de “causos” escritos por ambos

– respectivamente *Navio não tem pneu e Estórias Navais Brasileiras*.

Deu-se que, em junho de 2013, faleceu nosso colega de turma e meu colega de camarote Capitão de Fragata (FN) Núbio Stuart Ferreira, vitimado por moléstia incurável, que lhe impôs um prolongado sofrimento³, o qual, enquanto perdurou, foi assunto dominante nas reuniões mensais e bate-papos “internáuticos” que costumadamente promovemos há vários anos. Naquelas ocasiões, muitas vezes veio à baila a lembrança de um episódio que ele protagonizou em 1966: por força de circunstâncias descritas mais adiante, Stuart tornou-se o primeiro (e provavelmente único) aspirante fuzileiro naval a atingir o ambicionado cargo de comandante-aluno da Escola Naval, embora apenas no curto período entre o recebimento da cana do leme⁴ e a conclusão de nosso 3º ano.

Mas história puxa história, e a recordação desse fato incomum, decerto pouco ou nada conhecido pelos mais jovens, evocou-nos outras “acontecências”⁵ curiosas da Turma Miguens, que a fazem um tanto singular. E cabendo a mim, há tempos, secretariar o grupo e documentar suas efemérides, comecei a rascunhar tais “estórias” (contei 15). Vai daí... Mas chega de prolegômenos. Intentei relatar os “causos” como “6,5 anos (do Colégio Naval ao Navio-Escola) em 24 horas”, dividindo-os segundo os antigos períodos da velha

1 CMG Altineu Pires Miguens, nosso chefe de classe, brilhante hidrógrafo, falecido prematuramente em 2005.

2 CN62 – Colégio Naval 1962; EN64 – Escola Naval 1964; GM67 – turma declarada guarda-marinha em 1967 (espadas recebidas em 5/1/1968).

3 Stuart, dotado de voz poderosa e bela, estudou e dedicou-se ao canto popular e lírico desde a infância, tendo chegado a gravar CDs. O carcinoma de tireoide a que sucumbiu trouxe-lhe, antes do falecimento, o pior castigo imaginável: tirou-lhe a voz.

4 Quando faltam cem dias para a Declaração de Guardas-Marinha, os quartanistas transmitem o “comando” do Corpo de Aspirantes para os terceiranistas e passam a formar à parte. O comandante-aluno que sai entrega ao que entra uma cana do leme de madeira, como a utilizada em escaleres pelo patrão da embarcação, para governá-la. Segue-se o lauto “Almoço dos Cem Dias”, para os quartanistas, ocasião em que cada qual tem direito a convidar um padrinho.

5 Acontecimentos – termo que “roubei” do título de um livro de Vilma Guimarães Rosa, de 1967.

Rotina Normal que, puxando pela memória, relembrei, meio aos tropeços, entremeando-a com conhecidas Tradições Navais. E depois de tantas décadas, pergunto-me, parodiando Machado: “Mudaria a Marinha ou mudei eu?”⁶

ALVORADA

Tradicionalmente executada pelo corneteiro às 6 horas, mas houve épocas em que foi antecipada para as 5h45, para ira de muitos. Seguiam-se a Faxina, o Pequeno Almoço, a “Matutina”⁷.

1962 – O PSICOTÉCNICO AGORA REPROVA!

Primeira singularidade

Foi em 1962 que o terceiro filtro do concurso de admissão ao Colégio Naval – o Psicotécnico, aplicado após os rigorosíssimos exames intelectuais e de saúde – passou a ser eliminatório, como os outros dois. Façam as contas: dos 1.200 candidatos, mil caíram na temível barreira inicial – a tríplice prova de Matemática (Aritmética, Álgebra e Geometria); dos 200 restantes, 99 não ultrapassaram as provas de Português, Geografia/História e

Inglês/Francês. Restaram 101, dos quais 35 foram eliminados nos exames de Saúde e Psicotécnico, bem mais neste. E assim, em março de 1962, apresentaram-se em Angra dos Reis 66 jovens, aos quais se juntou mais um, aprovado no ano anterior, que ficara *sub judice* por problema de saúde; tendo-o superado, reuniu-se a nós. A primeira leva partiu da Estação D. Pedro II, da Estrada de Ferro Central do Brasil, no trem elétrico; em Deodoro, a composição recebeu uma locomotiva a diesel e seguiu pelo ramal do “trem macaco”, assim chamado porque os vagões de carga conduziam bananas; em Mangaratiba, ponto final, a turma embarcou no Aviso *Rio das Contas*, que a levou até Angra dos Reis. Outros colegas se atrasaram, por terem de atender a certas exigências de saúde, como cirurgias de amígdalas ou adenoides, e chegaram depois, por terra.

E, assim, nossa “microturma” de 67 calouros – reduzidos a 65 poucas semanas depois, quando dois colegas “pediram as contas” – foi recebida por 137 alunos do 2º ano⁸ e 18 “replayers”⁹ do 1º ano de 1961. Vale dizer, 155 veteranos, o que correspondia a 2,38 veteranos para cada calouro.

E então, prezado leitor, tem notícia de alguma outra turma com efetivo igual ou menor que o da nossa?



6 “Soneto de Natal”, de Machado de Assis.

7 Matutina – denominação da ginástica calistênica outrora praticada no Colégio Naval, logo após a Alvorada.

8 Turma Aspirante Moura, CN61, EN63, GM66.

9 “Replayers” – denominação “politicamente correta” dos repetentes, ou simplesmente “Reps”.

PRIMEIRO QUARTO

Esqueceu-se, leitor? O Primeiro Quarto perdura de 8 às 12 horas e retorna das 20 às 24 horas. Chama-se “Primeiro” porque dá início a uma nova Divisão de Serviço¹⁰, que assume suas responsabilidades logo após o “Içar a Bandeira”, que ocorre às 8 horas, e o transmite na manhã seguinte, nesse mesmo horário, a outra Divisão.

O Segundo Quarto, que assumirá o Serviço de 12 às 16 horas e de 0 às 4 horas (ah, o aterrorizante “zero às quatro”...), por enquanto é chamado de “Retém”. E o Terceiro Quarto, que agora é o de “Folga”, estará “de pau¹¹” de 16 às 20 horas e de 4 às 8 horas.

Na Marinha nada se programa especificamente para as 8 horas, porque esse é o horário de “Içar a Bandeira”, e tudo se interrompe; seguem-se a Parada, a rendição de serviço e, no Colégio e na Escola, as aulas, outrora entremeadas pela “jacuba¹²” das 10 horas.

1963 – COLÉGIO NAVAL EM DOIS OU TRÊS ANOS?

Segunda e terceira singularidades

Fôramos alertados de que, a partir de 1962, o Colégio Naval passaria a durar três anos, o que atingiria também os segundanistas nossos veteranos. Todavia, nas idas e vindas da Administração Naval, essa decisão foi revogada, para gáudio de todos¹³. Entretanto, faziam-se necessários certos ajustes curriculares, pois a

programação escolar para 1962, que já ia a meio, fora feita com base na expectativa de aumento da duração do curso. A solução, bem ao estilo dos “jeitinhos brasileiros”, foi estender o ano letivo dos segundanistas durante suas férias escolares. Esse período suplementar foi denominado de “Intensivo”, e a numeração dos alunos foi acrescida de uma letra “I” (I-2001 etc.). Mas, dirá o leitor, “essa singularidade não diz respeito à nossa turma, e sim à de cima”. E eu responderei: “Calma, leitor!” O que ocorreu conosco foi que, em função disso, tivemos superférias escolares de cinco meses.

Prosseguindo, dada a pequenez do grupo admitido em 1962, o Corpo de Alunos, em 1963, ainda que acrescido dos que ingressaram naquele ano¹⁴, foi dividido em apenas três companhias, e não em quatro, como tradicionalmente. Os 11 primeiros colocados, conhecidos como oficiais-alunos (comandante-aluno, ajudante-aluno, três comandantes de companhias e seis comandantes de pelotões), tiveram de retornar ao Colégio duas semanas antes do restante da turma, para um estágio de liderança, e foram surpreendidos com um adereço especial no uniforme – a fita azul, na borda superior do caxangá¹⁵, imitando prática antiga da Academia Naval de Annapolis, nos Estados Unidos da América.

Então, leitor? Férias escolares de cinco meses e a “inauguração” das fitas azuis nos caxangás dos oficiais-alunos são ou não são peculiaridades marcantes?

Mas calma: são 11h30, o contramestre apitou “Rancheiro”, e o “Caveira¹⁶”, não

10 Divisão de Serviço – conjunto de oficiais e praças responsáveis pelos serviços de bordo ou de terra durante um período de 24 horas.

11 Na gíria marinheira, estar “de pau” significa estar “de serviço”.

12 “Jacuba” – refresco, acompanhado de biscoitos, servido num intervalo maior (15 minutos) entre a 2ª e a 3ª aula da manhã, no Colégio Naval.

13 Em meados dos anos 70, a duração do curso do Colégio Naval foi finalmente aumentada para três anos.

14 Turma Almirante Cox, CN63, EN65, GM68.

15 Tradicional chapéu redondo de marinheiro, usado por longos anos pelos alunos do Colégio Naval e pelos aspirantes da Escola Naval.

16 “Caveira” – oficial de serviço.



Alunos do segundo ano do Colégio Naval

sem antes descobrir-se, foi provar a amostra do almoço, que lhe foi trazida numa caixa de madeira com tampo de vidro, que se apoiava num suporte dobrável, em forma de “xis”. A propósito, alguém viu, alguma vez na carreira, o oficial de serviço dizer que a amostra não estava boa?

12:00 – SINAL DO MEIO-DIA

Esse sinal é o mesmo toque de “Chamada de Oficiais”, executado três vezes, simultaneamente às quatro batidas duplas do sino de bordo; nesse momento, retira-se e se recoloca a cobertura (caxangá, gorro de pala ou o que for) três vezes seguidas, bradando “Diabo, sai da gávea!”. Segue-se o rancho geral, mas muita atenção à disciplina! Entra-se no refeitório em formatura e fica-se em pé até que o mais antigo presente bata o sino ali existente e comande: “Sentai-vos!” (ou fórmula assemelhada). Não se pode sair correndo para pegar vazios os totós e as mesas de sinuca, ping-pong e dominó, nos salões de recreio que acabaram de ser abertos, após o toque de recreação. É preciso aguardar novo comando do mais antigo: “Rancho, à vontade!”

1964 – O “01” SE FOI...

Quarta singularidade

Ednildo Gomes de Soárez¹⁷ foi uma das pessoas mais surpreendentes que conhecemos. Cearense de Fortaleza, onde prestara o concurso ao Colégio Naval, integrante de família de protestantes¹⁸ fervorosos, tinha a raríssima característica de ser, ao mesmo tempo, excepcional nos estudos – culto e inteligente como poucos – e nos esportes, especialmente no basquete, que jogava muito bem. Adicionalmente, era educadíssimo, discreto, portador de caráter e personalidade marcantes, além de postura e aparência pessoal impecáveis. Ingressou conosco em 1962, como 1004 – o quarto colocado no concurso. Como era de se imaginar, concluiu o 1º ano em primeiro lugar, tendo sido nosso comandante-aluno em 1963. Ao final do 2º ano, repetiu o feito, pelo que recebeu do Colégio Naval o prêmio por muitos cobiçado – o espadim de aspirante, concedido ao aluno que obtivesse o maior conceito escolar, com placa alusiva a seus méritos.

17 Biografia: <http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=33022>

18 Naquele tempo, não se usava o termo “evangélico”.

Ao início de 1964, apresentamo-nos na Escola Naval e estranhámos a ausência do Ednildo. Não demorou muito, apareceu ele, acompanhado dos pais, indo à audiência com o diretor¹⁹. Para nossa surpresa, aquele jovem, que já tinha um irmão mais velho segundo-tenente e outro mais novo ingressando no Colégio Naval, e que, segundo criámos, seria um excelente oficial, que certamente atingiria o Almirantado, pedira baixa. Teria sido o “1001” daquele ano na Escola, mas sequer foi matriculado, tendo sido esse número atribuído ao segundo colocado. Um episódio como esse, nos cibernéticos e acelerados dias de hoje, talvez não surpreendesse tanto, mas no Brasil ainda “provinciano” e lento de 1964... foi chocante!

E Ednildo continuou a brilhar na vida civil. Concluiu o ensino médio, passou em primeiro lugar para o Instituto Rio Branco, foi premiado como “Estudante do Ano” – afamado certame nacional existente à época, patrocinado por grandes empresas – e tornou-se diplomata. Lamentavelmente, quis o destino que, ao inaugurar o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Santiago do Chile, fosse vitimado em desastre de helicóptero, tendo falecido em 5 de novembro de 1971. Hoje dá nome a uma das unidades da Faculdade Presbiteriana 7 de Setembro, em Fortaleza, fundada por seu pai em 1935.

Quinta singularidade

Se em 1964 perdemos o convívio com o “01”, simultaneamente ganha-

mos o de um colega antes barrado no psicotécnico. Como ele, ao prestar o concurso ao Colégio Naval, em 1962, já houvesse concluído o 1º ano Científico, simplesmente completou esse curso enquanto éramos internos em Angra dos Reis; em 1964, prestou o vestibular à Escola... e finalmente ingressou em nossa turma, tendo sido declarado guarda-marinha conosco e cursado a Aviação Naval.

Quantas turmas podem dizer que tiveram um “01” tão brilhante, que as surpreendesse com um pedido de baixa inesperado e com um falecimento tão prematuro e trágico, em serviço, poucos anos depois? E quantas tiveram um companheiro de concurso ao Colégio Naval reprovado no Psicotécnico, que retornou depois, diretamente para a Escola, e tornou-se um brilhante piloto aeronaval? Turminha “diferente” mesmo, não?

SEGUNDO TEMPO

O modorrento período de 12 às 16 horas sempre foi conhecido como “Segundo Tempo”. Mas, curiosamente, jamais ouvi quem quer que fosse referir-se à parte da manhã como “Primeiro Tempo”. E você, leitor? Depois do triste toque de “Volta à Recreação²⁰”, retomavam-se as atividades, às vezes com uma “Distribuição de Faxinas”, ou mesmo uma “Parada” (na Escola, esta era de manhã, mas no Colégio era à tarde). E lá vinham as aulas indicadas por siglas cabalísticas – EAQ, ETE, MEM, OUAP²¹.

19 Até 1/10/1981, o contra-almirante titular da Escola Naval era denominado “diretor”. A partir daquela data, o título foi alterado para “comandante”.

20 Aos “não iniciados” – “Volta” nada tem a ver com o verbo “voltar”. Trata-se de uma espécie de torção que se faz num cabo de manilha – diferente dos nós – para arrematar um trabalho que se tenha feito no mesmo. Portanto, “dar volta” significa “dar fim”, e não “recomeçar”.

21 Siglas das atividades da tarde no Colégio Naval: EAQ – Esportes Aquáticos (natação); ETE – Esportes Terrestres (saltos, corridas, arremessos, barras, cabos etc.); MEM – Manobra de Embarcações Miúdas (remo em escaleres e canadenses); OUAP – Ordem Unida e Armas Portáteis (inclusive tiro).



Exercício de remo



Exercício de Ordem Unida

1965 – CURSO BÁSICO DE 1 ANO

Sexta singularidade

Por muitos anos, a opção dos aspirantes por curso – Corpos da Armada (CA), de Fuzileiros Navais (CFN) e de Intendentes da Marinha (CIM) – foi feita ao final do 1º ano da Escola Naval. Pois nossa “singular” turma foi a última a seguir essa norma – o Curso Básico, para nós, teve apenas um ano de duração. A turma seguinte já fez sua opção ao final do 2º ano, circunstância que, segundo o *site* da Escola Naval, perdura até hoje. Fomos, portanto, a derradeira turma em que houve aspirantes numerados como FN-201, 202, 203... e IM-201, 202, 203.

16:00 ÀS 20:00

Nesse horário, começávamos a relaxar. Licenciamento geral para quem não era aluno ou aspirante e, evidentemente, não estivesse de serviço; um banho após a Educação Física – o conhecido toque de “Banho/Uniforme”; assistir ao “Arriar da Bandeira” – “Cerimonial encerrado, Boa Noite!”; ouvir a leitura do Plano de Dia; jantar – a inevitá-

vel sopa; recreação mais curta do que após o almoço... e estudo obrigatório.

1966 – UM FUZILEIRO COMANDANTE ALUNO

Sétima singularidade

Tudo começou quando o cargo de Comandante do Corpo de Aspirantes (Comca) foi assumido por um capitão de fragata²² que havia sido instrutor em Annapolis, nos EUA, e decidiu implantar uma série de novidades em Villegagnon²³. De início, modificou o tradicional uniforme de Educação Física: o calção branco passou a ser azul, e a camiseta regata, sem mangas, azul-marinho, foi substituída por uma *t-shirt*, com mangas, branca, com as letras “EN” bordadas à esquerda, em azul-escuro. Além disso, o roupão utilizado na prática de natação deixou de ser branco, passando a azul. Claro que isso atingiu as quatro turmas de 1966: os quartanistas da então futura Aspirante Moura²⁴; a nossa, terceiranista; os segundanistas da Almirante Cox; e os calouros da Almirante Grenfell.

Mas a grande surpresa viria ao final do ano, nas proximidades da “passagem da

22 À época, o cargo de Comca era exercido por um capitão de fragata. Só vários anos depois passou a ser ocupado por um capitão de mar e guerra.

23 Esse mesmo Comca engendrou uma surrealista Operação Anfíbia, denominada “Quebra-Nozes”, em que os aspirantes desembarcaram (de uniforme mescla) na Praia Grande, Ilha do Governador, e “enfrentaram” um grupo de guerrilheiros figurados por oficiais e praças Fuzileiros Navais da Companhia de Reconhecimento Anfíbio, todos paraquedistas e mergulhadores, que, naturalmente, fizeram gato e sapato dos pobres aspirantes.

24 Essa denominação se deveu ao trágico falecimento, em 1966, do Aspirante José Cláudio Soares Moura, integrante dessa Turma desde o CN-61. Seu irmão mais velho, Júlio Soares de Moura Neto, GM de 1964, atingiu o posto de almirante de esquadra e tornou-se o Comandante da Marinha em 2007.

Cana do Leme” para nossa turma. O então Comca alterou o antigo critério de designação dos oficiais-alunos terceiranistas: ao invés de serem classificados seguindo suas notas globais (média ponderada de estudos + esportes + conceito + média final do ano

anterior), independentemente do Corpo a que pertencessem, decidiu-se ordená-los segundo o oficialato, ou seja, apenas o conceito, atribuído pelos oficiais do Comca em reunião fechada, poucos dias antes. O resultado foi o apresentado abaixo.

Anexo ao Plano do Dia de 26/10/1966: Designações dos Oficiais-Alunos

O Sr. CP Presidente do Conselho de Oficialato, em cumprimento ao item IV do Art. 127 do Regulamento Interno da Escola Naval, cujo texto se abaixo transcrito, propôs ao Exmº Sr. Almirante Diretor, que se aprovou, as seguintes designações de Oficiais Alunos, em caráter temporário, para as funções indicadas ao lado:

"Art. 127, item IV do R.I.B.N." - Aos Aspirantes do último ano com melhores notas de aplicação para o oficialato, poderão ser atribuídas precedências, em caráter de Oficial-Aluno, por proposta do Conselho de Oficialato ao Diretor, a que serão: Comandante Aluno, Ajudante Aluno, Comandante de Companhia Aluno e Comandante de Pelotão Aluno.

Comandante-Aluno	-	PN-302	-	NÚBIO STUART FERREIRA
Ajudante-Aluno	-	3005	-	WILSON DA SILVA COCKRIANE
Comde 1ª Btl	-	3013	-	CARLOS DOMINGOS CHARRAUX
Comde 2ª Btl	-	3001	-	ALVIN H. FINEZ RIGUENS
Comde 1ª Cia	-	3012	-	NAZARÉO BORGARTE GOMES
Comde 2ª Cia	-	3008	-	VLADETHI VARANDA FERREIRA
Comde 3ª Cia	-	PN-304	-	WILSON APÊRICO LEITE
Comde 4ª Cia	-	3015	-	JAYME ALBERTO CASTRO PUGA
Comde 5ª Cia	-	3018	-	WILLIAM GAIHO DESPIN
Comde 6ª Cia	-	3019	-	MARCO WELINGTON RAMOS LIBERATTI
Comde 1ª/1ª Cia	-	PN-301	-	CILSO DELEIAN DE CASTRO MAREZES GOMES
Comde 2ª/1ª Cia	-	PN-305	-	CARLOS ALBERTO BIDA CAMPOS
Comde 3ª/1ª Cia	-	3029	-	NEWTON DE SÁBOLA GALLES
Comde 1ª/2ª Cia	-	3025	-	RICARDO ANGELO SILVA DE MONTAIRA
Comde 2ª/2ª Cia	-	3009	-	JOSÉ ANTÔNIO DE CASTRO LEAL
Comde 3ª/2ª Cia	-	3020	-	ANTÔNIO CARLOS GOMES CRUZ
Comde 1ª/3ª Cia	-	3022	-	SEBASTIÃO GONÇALVES INHANNI
Comde 2ª/3ª Cia	-	3004	-	PAULO BÉRGIO DE CARVALHO CRADAS
Comde 3ª/3ª Cia	-	3011	-	CARLOS ALBERTO RUIZ VASCONCELOS
Comde 1ª/4ª Cia	-	3014	-	LUIZ PRADO DA PROTA
Comde 2ª/4ª Cia	-	3031	-	MARCO FRANCISCO MARTINS VILHO
Comde 3ª/4ª Cia	-	3056	-	JOSÉ LUIZ PALMARES CAMPOS
Comde 1ª/5ª Cia	-	3002	-	ARI RAYNSFORD
Comde 2ª/5ª Cia	-	3007	-	NUNILDO FERNES DELVÃO DE TURINHO
Comde 3ª/5ª Cia	-	3057	-	ALVARO ARTHUR RODRIGUES LUSTÃO
Comde 1ª/6ª Cia	-	3028	-	LEISO SANTIAGO GEMETTI
Comde 2ª/6ª Cia	-	3054	-	LUIZ ANDRÉ FERREIRA S. SILVA
Comde 3ª/6ª Cia	-	PN-309	-	WILSON LUIZ DE CARVALHO GOUTO JONGE

ESTADO-MAIOR DO COMANDANTE ALUNO DO

REGIMENTO ESCOLAR:

N-10 - ORGANIZAÇÃO	-	3005	-	WILSON DA SILVA COCKRIANE
N-20 - INFORMAÇÕES	-	3003	-	JORGE TRAYTON JUNIOR
N-30 - OPERAÇÕES	-	PN-303	-	GIL CARNEIRO DIAS FERREIRA
N-40 - LOGÍSTICA	-	IM-301	-	ELYDIO RODRIGUES COSTA

Supervisor
ANTONIO HAI A FERREZ VELOSO
Comde - da-Corveta

E foi assim que, pela primeira (e talvez única) vez em sua história, a Escola Naval teve, ainda que por pouco mais de dois meses, um aspirante fuzileiro como comandante-aluno, auxiliado por um estado-maior de atribuições não claramente definidas, que dificilmente terá sido recriado posteriormente. Mas esse esquema só durou até o final de 1966. No ano seguinte, quando já éramos quartanistas, outro Comca assumiu, fez voltarem as regras antigas, e o comandante-aluno foi mesmo o 4001 – Miguens, que já fora 2001 e 3001.

20:00 ÀS 24:00

Pois é... O período do estudo obrigatório também era usado para traquinagens. Longos telefonemas (na Escola Naval, claro; no Colégio, para telefonar, só indo a Angra dos Reis e aguardando horas no posto local da CTB²⁵, com seus aparelhos de manivela) para noivas e namoradas, nas poucas e disputadíssimas extensões disponíveis ao lado da tolda²⁶. Claro, em todas as turmas, sabe-se lá desde quando, sempre houve um camarote de quartanistas com um telefone clandestino. Em 1967, por acaso, era o meu. Um colega versado em eletrônica, durante um fim de semana em que estava de serviço, deu-se ao minucioso trabalho de fazer um “gato”, puxando de uma das extensões um par de fios clandestinos, aos quais conectou um aparelho antigo, daqueles pretos, que não sei de onde trouxe. E quando o oficial de serviço começava a subir para fazer a ronda nas alas de camarotes, o chefe de dia, quartanista como nós, ligava o “boca de ferro”²⁷ e anunciava “Escola

Naval... À ordem o Aspirante Fulano...”. E o “Fulano” era sempre alguém inexistente, como, por exemplo, o “Porciúncula”. Assim alertados, desligávamos o telefone; imaginem se alguém ligasse e, de acordo com a Lei de Murphy²⁸, a campainha tocasse exatamente na hora em que o oficial passasse em frente ao nosso camarote.

Mas esse período comportava outras travessuras, como os ensaios do coral de calouros, naturalmente regidos por alguns veteranos “criativos” – “*Tim-tim-tiririm-tim-tim (bis)... Tô maluco, tô alopando, ficando louco, me enca...*”... Melhor parar por aí... Naturalmente, a “OAS”²⁹ lançava seus foguetes (pólvora negra dentro de pinças Pilot e outros artefatos inovadores...) e as “hidráulicas”, que certamente existem até hoje – sacos plásticos cheios d’água lançados sobre os incautos que trafegavam candidamente pelos pátios Saldanha, Inhaúma e Aspirante Nascimento (ou “bico de proa”).

Outro evento interessante desse horário ocorria na noite da véspera da entrega dos espadins. Em nossa época, essa cerimônia tinha lugar em 5 de maio, data de fundação da Escola, em 1808, já no Brasil³⁰. Depois, foi transferida para o dia 11 de junho, simultaneamente à celebração da vitória de Riachuelo. Os calouros sofriam bastante, inclusive tendo os cabelos besuntados com manteiga, ou sendo incumbidos de agarrar um dos gansos Brekelé, mascotes da Escola, tarefa difícil e perigosa. Nossa turma, entretanto, não foi alvo de uma das brincadeiras mais interessantes já criadas para essa data – o concurso de fantasias, or-

25 CTB – Companhia Telefônica Brasileira, antecessora, no Rio de Janeiro, da Telerj/Telemar/Oi.

26 Compartimento onde ficam os aspirantes de serviço – chefe de dia, subchefe de dia, claviculário e ronda.

27 “Boca de ferro” – denominação jocosa dos sistemas de fonoclama dos navios e quartéis.

28 Na MB, há um outro personagem fictício, conhecidíssimo, com as mesmas características do Murphy, mas, por via das dúvidas, não vou citá-lo.

29 “OAS” – “Organização do Aspirante Secreto” – grupo de aspirantes especializados em produzir bombas e outros artefatos pirotécnicos e dispará-los sorrateiramente pela Ilha. O nome foi inspirado no grupo guerrilheiro argelino “Organisation de l’Armée Secrete”, famosos nos anos 60.

30 A Real Academia de Guardas-Marinha, portuguesa, que deu origem à EN, foi fundada em 14/12/1782, em Lisboa.

ganizado pelos quartanistas. Os veteranos, do 2º ao 4º ano, interessados em concorrer inscreviam-se e selecionavam um calouro para desfilar com a indumentária selecionada. Em 1967, fiz parte do júri. O vencedor foi um terceiranista, com a “Cédula de Cr\$ 10.000,00”, com a estampa de Santos Dumont. Era simplíssima – dois calouros entravam carregando esticado, na horizontal, um daqueles panos verdes de cobrir beliche, no qual haviam sido pregadas inscrições similares às da cédula, desenhadas em cartolina. E, no local da estampa, um terceiro calouro, vestido à semelhança do Patrono da Aviação, inclusive com aquele chapéu de abas viradas para baixo. Era a imagem perfeita da cédula.

Ao final do estudo obrigatório, vinha a ceia – “*café frio, jacuba quente, biscoito mole, goiabada dura...*” Maldade com os rancheiros... Claro que não era tão ruim assim. Mas logo depois vinha o toque de recolher. Voltávamos aos camarotes (no Colégio, alojamentos), reduzíamos as luzes, uns ferravam no sono, outros ficavam estudando à luz dos velhos abajures. E havia os que se metiam em outras aventuras mais arriscadas, como fugir a nado da Escola (a Baía de Guanabara não era poluída) ou, no Colégio, escapar para Angra pelo “caminho aéreo” (trilha ao longo do morro que fica atrás dos prédios). Melhor deixar para lá essas lembranças.

1967 – DA 8ª À 13ª SINGULARIDADE

Angola

No início de 1967, o Brasil, a pedido de Oliveira Salazar, presiden-

te de Portugal, enviou a Angola uma Força-Tarefa (FT) – sem dúvida, uma “demonstração da força”, eis que aquela província ultramarina estava em guerra de libertação da metrópole, que, com esse artifício (“o Brasil nos protege”), pretendia “assustar” os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA),³¹ de Agostinho Neto. Assim, em 26 de janeiro de 1967, zarparam do Rio de Janeiro os veteranos cruzadores CL11 *Barroso* e CL12 *Tamandaré*, acompanhados dos contratorpedeiros classe *Fletcher* D29 *Paraná* e D30 *Pernambuco*, em demanda, inicialmente, de Recife, onde aportaram dois dias depois; e, a partir daí, rumo a São Paulo de Luanda, Angola. Mas problemas operacionais obrigaram o *Tamandaré* a permanecer em Recife, no que foi acompanhado pelo *Pernambuco*, pois o *Barroso*, que seguiu para a África, dispunha de óleo suficiente para abastecer apenas si próprio e mais um contratorpedeiro – o *Paraná*, que o acompanhou.

A singularidade: uma FT incumbida de demonstração de força, surpreendentemente, conduzia, ao invés de tropas de fuzileiros navais, aspirantes das Turmas Miguens, Almirante Cox e Almirante Grenfell.

Inesquecível, ainda, o fato de o grupo destilatório do *Barroso* estar avariado, pelo que, nos 11 dias de travessia Recife-Luanda (assim como na volta), o banho diário ter sido de ducha de água salgada – que não faz espuma com o sabão –, no convés de madeira do “Bichão³²”, sobre o qual muitas vezes praticamos, ao som da Banda de Mú-

31 MPLA – Movimento Popular pela Libertação de Angola, que se sagrou vitorioso. Dois outros grupos também buscavam a independência angolana: a FNLA – Frente Nacional pela Libertação de Angola, de Holden Roberto, e a Unita – União pela Independência Total de Angola, de Jonas Savimbi.

32 “Bichão” – era assim que o CMG José Ferreira Guarita, comandante do *Barroso* nessa comissão, se referia a seu navio.



sica, a “lona e areia³³”, que os mais jovens desconhecem.

Mas valeu pela recepção magnífica com que fomos honrados em Luanda. A hospitalidade portuguesa foi indescritível, realmente de tirar o chapéu. As fotos acima, uma da chegada e outra da partida, falam por si.

O fim do mescla e seus “irmãos”

Às vezes me pergunto por quantos anos o uniforme mescla e seus congêneres – “branco interno” e *cheviot* (azul de lã), mais o inseparável caxangá – terão sido utilizados no Colégio e na Escola Naval. Inesquecíveis seus processos acelerados de encolhimento e de perda de botões³⁴, o amarelecimento dos “brancos” e as “espetadas” do *cheviot*. Em nosso último dia de uso do mescla, como de costume, ocorreu a “rasgação” – grupos de três ou quatro aspirantes avançavam sobre um colega que ainda estivesse trajando o uniforme em per-

feitas condições e o rasgavam à força, em meio à euforia geral pelo término do curso.

Nossa turma foi a última a utilizá-los integralmente, de Angra a Villegagnon. A Almirante Cox, à qual entregamos a Cana do Leme em 1967, e suas contemporâneas inauguraram o uso dos novos uniformes, semelhantes aos dos oficiais, em 1968.

O Patrono – Capitão de Fragata João Batista Didier Barbosa Viana

Uma olhada no *Boletim Mensal do Clube Naval*, na parte dedicada aos eventos mensais de turmas da Escola Naval, ou uma entrada no site <http://www.atag.org.br/Associacoes-de-Turma.htm>, permitirá ao leitor apreciar as denominações de cada uma delas: em geral são identificadas pelos nomes de seus chefes de classe, como a nossa, mas há outros critérios, como: o antigo código fonético em português (apenas três: Dedo, Elmo e Face³⁵); os Patronos, quase

33 “Lona e areia” – “polimento” do convés de madeira. Recortam-se pedaços de mangueiras de incêndio, usadas como “calçado” pelos incumbidos de esfregar o convés, sobre o qual se lançam água do mar e areia. A faina é animada pela Banda de Música, conta com distribuição de jacuba etc.

34 Os botões eram de quatro furos. O truque para que não quebrassem era nunca costurá-los cruzando os fios em “xis”, mas em duas linhas paralelas.

35 Dedo: CN54/EN56/GM58; Elmo: CN55/EN57/GM59; Face: CN56/EN58/GM60; os anos de “GM” referem-se aos oficiais do Corpo da Armada (cursos de três anos), porque os fuzileiros e intendentess, nessa época, faziam apenas dois anos. A Turma Quevedo (CN57/EN59/GM61) foi a última nessas condições. As Turmas Rodin (CN58/EN60/GM63) e Mendes (CN59/EN61/GM64) deram início aos cursos de duração igual para os três Corpos, mas constituíram uma etapa intermediária – a duração foi de três anos e meio. A partir da Turma “Centenário da Batalha de Riachuelo” (CN60/EN62/GM65), os cursos passaram a durar quatro anos.



sempre ilustres almirantes do passado (Cox, Taylor, Grenfell, Jaceguay, Ouro Preto etc.); o ano de ingresso no CN ou na EN; eventos bélicos importantes (Humaitá, Riachuelo); colegas falecidos ao longo do curso, como a Aspirante Moura; lemas ou visões de futuro, como a Esperança; e assim por diante.

A escolha do patrono de nossa turma se deu sob forte clima emocional: vivíamos o grande impacto do trágico acidente ocorrido em 14/8/1967 a bordo do Cruzador *Barroso* – a explosão de uma caldeira, que vitimara o chefe de Máquinas e mais dez tripulantes; o navio ficara à matroca, sem energia – um horror – até ser socorrido pelo Navio-Escola *Custódio de Mello* e rebocado pela Corveta *Caboclo*. Assim, elegemos como patrono esse chefe de Máquinas – CF João Batista Didier Barbosa Viana, que, a rigor, pouca relação profissional tinha conosco. Talvez por isso, em que pese seu nome ter sido grafado na capa de nosso álbum de formatura, sua memória como nosso patrono tenha se apagado aos poucos. De qualquer forma, fizemos justiça a ele, inserindo seu nome, ao lado do de nosso chefe de Classe Miguens, na placa que, em 17/12/2005, entronizamos no túnel da Escola Naval pelas mãos de Neusa, viúva do Miguens.

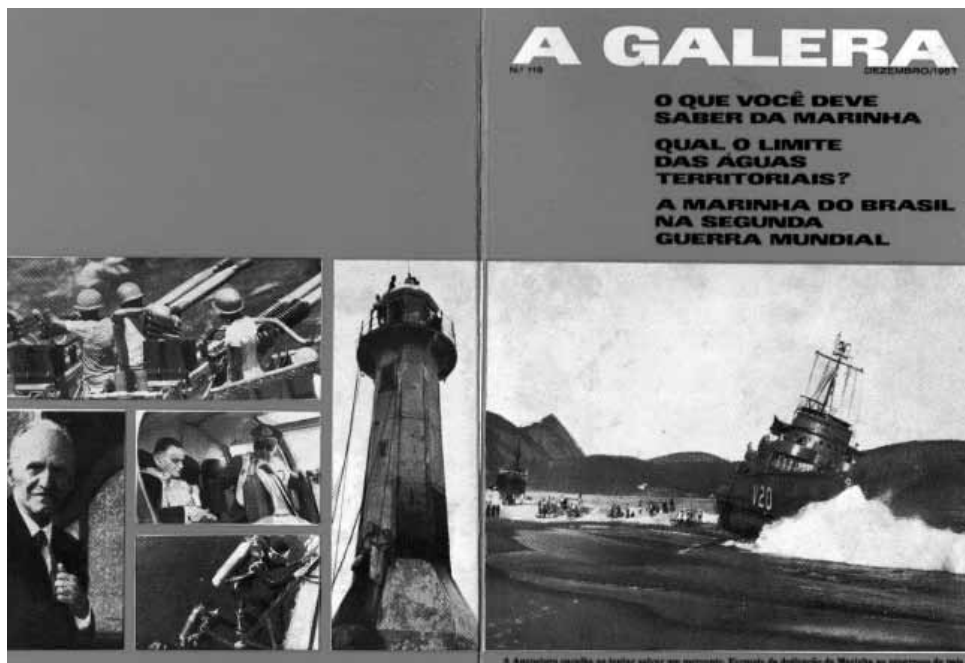
E então, caro leitor? Conhece alguma outra turma que tenha escolhido para patrono

um oficial vitimado em serviço, no ano de sua formatura, em episódio que provocou comoção nacional, e cuja memória deveria ter sido mais preservada não apenas pelos então aspirantes que o elegeram, mas pela própria MB como um todo, ou pela associação dos veteranos do velho *Barroso*?

A Galera nº 119

Tradicionalmente, a revista *A Galera* é editada uma vez por ano, tendo como temática principal a turma que se forma. A nossa, nº 119, de 1967, muito provavelmente foi a única, até hoje, a ter sido recolhida.

Pois é. Logo após o lançamento da revista, foi aberto um Inquérito Policial Militar (IPM). Até hoje não sabemos bem as origens desse triste episódio. Pode ter sido a capa da revista – a Corveta *Angostura* encalhada, sob o título “O que você deve saber de Marinha”; a polêmica entrevista concedida a um aspirante pelo então presidente do Clube Naval, tecendo certas críticas à administração naval; artigos literários, como um que abordava a guerra no Vietnã e outro que reproduzia a poesia de Carlos Drummond de Andrade “Os ombros suportam o mundo”; ou até a cor da capa (laranja), muito próxima do vermelho.



O fato é que a Marinha suspeitou da existência de uma célula esquerdista na Escola Naval, com fulcro na Sociedade Acadêmica Phoenix Naval – SAPN (nosso “grêmio” estudantil), particularmente em uma de suas ramificações – um “Centro de Estudos” que promovia palestras periódicas sobre assuntos extracurriculares, logo interpretados como doutrinação comunista.

Em consequência, ocorreram revistas de armários, apreensão de material neles encontrado, prisão de aspirantes de nossa turma e da Almirante Cox, que já assumira a SAPN. Enfim, uma confusão descomunal, às vésperas de nossa formatura, que foi até objeto de matérias divulgadas pela imprensa.

Mercê de Deus, os presos foram soltos a tempo de receberem suas espadas junto com a turma, em 5/1/1968. Naturalmente, houve reflexos para as carreiras de alguns oficiais que serviam na Escola Naval. Tudo isso nos marcou durante algum tempo, mas hoje, quase meio século depois, são apenas reminiscências.

A microturma

Talvez o leitor se recorde do início deste artigo, em que registrei terem sido 67 os integrantes do núcleo inicial de nossa turma, em 1962, no Colégio Naval. A partir daí, houve uma grande sequência de “incorporações e destaques”, que não detalharei, para não cansá-los: “*replayers*” de turmas mais antigas que se incorporaram à nossa, no Colégio e na Escola; integrantes do grupo original que, a seu turno, também se tornaram “*replayers*” e passaram às turmas seguintes; inúmeras desistências de prosseguimento na carreira naval; e, naturalmente, a mais importante incorporação – os 35 procedentes dos Colégios Militares e provenientes do vestibular civil que se reuniram a nós em 1964, na Escola Naval.

Entretanto, todas essas adições e subtrações, ao longo de seis anos, resultaram apenas em um acréscimo de sete pessoas ao grupo original – a “soma algébrica” resultou em 74 guardas-marinha de 1967: 50 do Corpo da

Guarda-chuva



A formatura de Guardas-Marinha, com chuva

Armada, 19 fuzileiros navais e cinco intendentes. Destes, um se demitiu no retorno da viagem de instrução e dois foram aprovados no concurso para o Corpo de Engenheiros e Técnicos Navais. Restaram apenas dois IM.

Alguém tem conhecimento de Turma tão pequena, particularmente no Corpo de Intendentes?

A chuvarada

Findos os festejos natalinos e de Ano Novo, as curtas férias e, naturalmente, o período de segunda época para alguns, retornamos à Escola Naval, no alvorecer de 1968, para os ensaios da cerimônia de formatura. O tempo não estava bom, havia fortes prenúncios de chuva, chegamos a treinar no interior do ginásio – a alternativa que ninguém desejava.

O dia 5 de janeiro amanheceu nublado, mas a direção da Escola decidiu, para alegria geral, que a cerimônia seria mesmo no campo de esportes. E lá fomos nós, de uniforme branco, ainda portando os espadins que seriam depositados ao lado dos restos do mastro da Fragata *Amazonas*, comandada por Barroso na Batalha Naval do Riachuelo. O campo gramado, todavia, estava encharcado pelas chuvas dos dias anteriores, e nosso passo compassado não só encheu de água sapatos e meias, como lançou lama nas bordas das calças.

Mas não parou aí. Iniciada a cerimônia, não era mais possível interrompê-la e levar todos – inclusive o Presidente Costa e Silva

– para o ginásio. A certa altura, a chuva caiu para valer. As bainhas de nossas espadas não são metálicas, mas de couro atinado (ou fibra sintética) pintado de preto. A água soltou a tinta, de sorte que, quando as recebíamos dos almirantes igualmente encharcados, nossas luvas brancas ficavam negras. E ao cingi-las ao talim, esbarravam nas calças, tingindo-as da mesma cor. Um desastre. Ah, sim, imaginem o que ocorreu com os penteados cheios de laquê e as maquiagens das mães, avós, noivas, namoradas, que logo depois tinham de correr pela grama inundada, chegar até cada um de nós e trocar nossas platinas, que igualmente deixavam escorrer uma tinta preta. Ah, foi muito feia a coisa...

00:00 ÀS 04:00

O quarto mais detestado. Do silêncio à meia-noite, pouco ou nada se dorme, e sempre de forma agitada, dada a preocupação em acordar logo depois. Antes de se assumir o serviço, é fundamental ingerir o rancho noturno, que quase sempre conta com o famoso “bolo as(z)iático”. Mas o desestimulante “zero às quatro” tem lá uma vantagem – pode-se acordar às 07:00, desde que se tampem bem os ouvidos com algodão, para não ser atingido pelos intensos ruídos da Alvorada: cornetas, apitos, falatório...

Mas, como se acredita que a noite seja boa conselheira, é também o quarto de-

dedicado às reflexões, à escuta de músicas suaves, ou “dos sons do silêncio”, à leitura, à troca de confidências com os parceiros de serviço, à narrativa de velhas histórias marinheiras, que inevitavelmente contemplam gabolices, amores vividos e perdidos em mil e um portos, fantasmas e assombrações.

1968 – AS DUAS ÚLTIMAS SINGULARIDADES

“Oh, tristeza me desculpe, estou de malas prontas, hoje a alegria veio ao meu encontro, já raiou o dia, vamos viajar...³⁶”

Entre 19 de abril e 1º de setembro de 1968, realizamos a sonhada Viagem de Instrução, a bordo do Navio-Escola U26 *Custódio de Mello*. Há dois interessantes relatos sobre esse cruzeiro, ambos redigidos por nosso colega de Turma CMG (Ref³) William Carmo César, professor de História Naval na EN há muitos anos e autor também do livro-texto dessa matéria ali empregado – *Uma História das Guerras Navais*. Um de seus artigos – “O NE *Custódio de Mello* e sua X Viagem de Instrução” – foi publicado na *Revista Marítima Brasileira* há vários anos e adaptado pelo autor, em 2012, para inserção no livro³⁷ que editamos,

comemorativo de nosso cinquentenário de ingresso na MB. O outro – “Circumnavegar também é preciso” – alude a todas as circum-navegações realizadas pela MB, das quais – eis a 14ª singularidade – nossa viagem foi a 5ª... e a primeira inteiramente a vapor. Este segundo texto foi publicado na *Revista de Villegagnon* (Ano III, nº 3, 2008), editada eletronicamente e disponível no site da EN: <http://www.en.mar.mil.br>.

Transcrevo o parágrafo final do segundo artigo mencionado: “Foram 135 dias de inesquecíveis experiências, 43 dias passados em dez portos estrangeiros (e dois nacionais), 89 dias de mar, com travessias que tiveram de três a 13 dias de duração e 25.991 milhas navegadas”.



OS NAVIOS QUE REALIZARAM AS CIRCUNAVEGAÇÕES BRASILEIRAS

Navio	Construção	Deslocamento	Comprimento	Boca	Propulsão
Cv Vital de Oliveira	AMRJBrasil - 1867	1.424 t	66,7 m	11,2 m	Vela-3 mastros Motor auxiliar
C Almirante Barroso	AMRJBrasil - 1882	1.960 t	64,0 m	11,0 m	Vela - 3 mastros Motor auxiliar
NE Benjamin Constant	La Seine França - 1892	2.820 t	74,0 m	15,6 m	Vela - 3 mastros Motor auxiliar
NE Almirante Saldanha	Barrow - 1933 Grã Bretanha	3.325 t	93,0 m	15,8 m	Vela - 4 mastros Motor auxiliar
NE Custódio de Mello	Tóquio - 1954 Japão	4.800 t	120,0 m	16,0 m	Caldeiras
NE Brasil	AMRJBrasil - 1983	2.548 t	130,0 m	14,0 m	Diesel

36 “Viagem” – música de João de Aquino e Paulo César Pinheiro gravada em 1964, ano em que ingressamos na Escola Naval.

37 *Turma Miguens – 50 Anos* – disponível para venda como impresso ou e-book em <http://clubedeautores.com.br/books/search?utf8=%E2%9C%93&what=Turma+Miguens&sort=&commit=BUSCA>

O roteiro: Rio de Janeiro – Recife – Belém – travessia do Canal de Panamá – Balboa (Panamá) – Acapulco (México) – Long Beach/Los Angeles (EUA) – Honolulu e Pearl Harbor (Havai/EUA) – Tóquio (Japão) – Manilla (Filipinas) – Singapura³⁸ – Colombo (Ceilão, hoje Sri Lanka) – Lourenço Marques (hoje Maputo – Moçambique) – Cidade do Cabo (África do Sul) e Rio de Janeiro.

A 15ª singularidade

Reeditamos, exatos 60 anos depois, a presença de um navio-escola brasileiro no Japão: o *Benjamim Constant*, a vela, estivera lá em 1908, na 3ª circum-navegação da MB, e marcara duplamente sua passagem por aquele país: primeiro, com o resgate, na Ilha de Wake, de 20 japoneses, que ali se encontravam isolados, naufragos do pesqueiro *Tokyo Maru*; e na capital japonesa, com o oferecimento de um jantar ao Almirante Heihachiro Togo, herói da Batalha Naval de Tsushima, travada apenas três anos antes, em maio de 1905, na guerra russo-japonesa. Na visita que fizemos a uma Academia Naval japonesa, pudemos apreciar, numa sala de memória, a miniatura do NE *Benjamim Constant* com que seu comandante, CF Antonio Coutinho Gomes Pereira, presenteara aquele estabelecimento, seis décadas antes.

CONCLUSÃO – NOVO QUARTO D’ALVA

Setembro de 1968, com o retorno da Viagem de Instrução e a nomeação a segundos-tenentes, foi a nossa Alvorada para a carreira como oficiais. Uma nova leva de guardas-marinha nos sucedeu, e passamos a viver, em outro plano, milhares de ciclos de 24 horas como os aqui descritos, alternando sorrisos e lágrimas, encantos e desencantos,

sonhos e desilusões, perdas e ganhos, ao longo de três décadas – pouco mais, pouco menos – de permanência no Serviço Ativo da Marinha, às quais se somam outras de convívio com a Força, ora prestando-lhe serviços na Reserva, ora revisitando-a diuturnamente, nos navios, casernas, museus, clubes e nas inúmeras publicações que a divulgam, como as aqui mencionadas.

E hoje, mais de cinco décadas depois de

É inevitável fazermos um balanço de nossas vidas dedicadas ao mar. E, ao fazê-lo, constatarmos que, conquanto o passar dos anos venha rarefazendo continuamente nossas memórias, jamais olvidaremos a marca profunda que nos ficou de tudo isso...

termos envergado pela primeira vez os uniformes navais, quando nos vemos a cada dia mais próximos do arriar definitivo de nossos pavilhões, ao som do toque de silêncio individual que inevitavelmente virá – eis que tantos dos nossos já o receberam –, é inevitável fazermos um balanço de nossas vidas dedicadas ao mar. E, ao fazê-lo, constatarmos que, conquanto o passar dos anos venha rarefazendo continuamente nossas memórias, jamais olvidaremos a marca profunda que nos ficou de tudo isso, sintetizada

³⁸ Em 1968, escrevia-se com “S”, e não com “C”, como atualmente.



nos versos do Hino da Escola Naval³⁹. Até hoje, ao ser tocado, ele nos traz arrepios, da vibrante introdução ao acorde final – uma e outra consistindo no toque de corneta que

traduz o prefixo da EN – e nos leva a cantar, por todo o sempre, emoção à flor da pele: “São as águas azuis nossos lares... Somos livres para sempre sobre os mares...”

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<HISTÓRIA>; História naval; Turma;

³⁹ Letra e música do CMG Luiz Felipe Menezes de Magalhães.

Laurindo

INFORMAÇÕES

(0XX-21) 2233.9165



Pitta

O navio que continua
a todo vapor



Ele participou da Primeira Guerra Mundial, realizando árduas tarefas de apoio. Sem dúvida, este foi o maior acontecimento na sua longa existência. São quase cem anos de atividade. Construído em 1910, na Inglaterra, por encomenda do Governo brasileiro, o Rebocador *Laurindo Pitta* prestou serviços até a década de 90.

Em 1997, a aposentadoria do *Laurindo* parecia irreversível. Atracado no cais da Base Naval, em Mocanguê, no Rio de Janeiro, estava imobilizado por obsolescência de suas máquinas. Mas a Marinha resolveu recuperá-lo. Para isso, contou com apoio e patrocínio da Liga dos Amigos do Museu Naval.

Hoje, ele está de volta à ativa, realizando passeios na Baía de Guanabara. A bordo, os passageiros podem visitar a exposição "A Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial". Além de fotos e reportagens publicadas em jornais da época, a mostra expõe modelos de embarcações da Divisão Naval em Operações na Primeira Guerra Mundial e peças da coleção do Almirante Frontin.

Venha navegar com o *Laurindo Pitta* e faça um passeio inesquecível pela História, e pela Baía de Guanabara.